



CONCEITO DE CORPO PARA ACADÊMICOS DA ÁREA DE SAÚDE

Aline Dessupoio Chaves¹
Wagner Wey Moreira²
Michele Viviene Carbinatto³

RESUMO

Toda área de conhecimento é balizada por paradigmas e, na área da saúde, aquele que mais tem instigado estudos na filosofia e sociologia diz respeito às concepções de corpo e suas inferências na atuação profissional. Este estudo objetivou verificar o conceito de corpo entre estudantes de cursos de graduação da área de saúde. Participaram do estudo 25 discentes de cinco cursos da área da saúde: medicina, educação física, terapia ocupacional, nutrição e fisioterapia. Para coleta dos dados, foi realizada uma entrevista estruturada com duas perguntas geradoras: (1) O que é corpo para você? (2) Qual a sua visão de corpo e sua futura atuação profissional? A análise dos resultados foi realizada pelo “Discurso do Sujeito Coletivo”. Foram identificadas poucas diferenças entre estudantes dos cursos analisados em relação ao conceito de corpo. Houve a predominância de uma visão do corpo fragmentado e do corpo-objeto. A visão de corpo ainda é marcada por uma tendência biológica, como não poderia deixar de ser, dada a construção da grade curricular desses cursos, que dão prioridade às disciplinas de caráter biológico, já que são consideradas básicas na formação desses futuros profissionais.

Palavras-chave: Corpo. Saúde. Paradigma. Discurso. Corporeidade. Curriculum.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Atua no Curso de Bacharelado em Educação Física da UFTM.

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Departamento de Ciências do Esporte. Atua na graduação em Educação Física da UFTM. É professor do mestrado em Educação Física e Educação da UFTM

³ Universidade De São Paulo. Escola de Educação Física e Esportes da USP. Departamento de Esporte.



BODY CONCEPT FOR HEALTH AREA UNDERGRADUATES

ABSTRACT

Every scientific area is based on paradigms and, in health area, the paradigm that has instigated studies in philosophy and sociology concerns to the concept of the body and its inferences in professional activities. This study discusses the concept of body present among health area students. In this study, took part 25 undergraduates from five different health area: medicine, physical education, occupational therapy, nursing and physiotherapy. For data collection, a structured interview was made with two generating questions: (1) What is the body for you? (2) What is your view of the body in your future professional activities? The analysis was performed by "collective subject discourse." Few differences were identified among students of the analyzed courses relative to the concept of body. There was a predominance of a view of the fragmented body and body-object. The concept of body is still marked by a biological tendency as a result of the construction of the curriculum of these courses, which give priority to the disciplines of biological nature, that are considered basic to these future professionals' training.

Keywords: Body. Health. Paradigms. Discourse. Corporeity. Curriculum.



1 INTRODUÇÃO

As áreas científicas são organizadas envoltas de teorias. Estas são balizadas por paradigmas que organizam seu caminho, sendo aquele “[...] um princípio de distinções/ligações/oposições fundamentais entre algumas noções mestras que comandam e controlam o pensamento, isto é, a constituição das teorias e a produção dos discursos”. (MORIN, 1986, p.76).

O paradigma, segundo Capra (1982), representa a totalidade de pensamentos, percepções e valores que moldam uma dada visão da realidade, base do modo como a realidade se organiza, como, por exemplo, certa comunidade científica. Estes permitem que focalizemos ou concentremos nossa atenção em determinadas ações, reações, interesses e percepções e, portanto, selecionam o que percebemos e reconhecemos e, como selecionadores, recusam e distorcem os dados que não combinam com as nossas expectativas.

Chalmers (1993, p.124) salienta que um paradigma deve compor “suposições teóricas gerais e de leis e técnicas para a sua aplicação, adotadas por uma comunidade científica específica”, e ainda, que as mudanças e revoluções científicas acontecem quando uma crise se instala, ou seja, quando o paradigma é abalado por outro que atrai maior adesão. Assim, as crises trazem à tona a necessária “mudança de paradigmas que requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores”. (CAPRA, 2001, p. 27).

Um dos paradigmas que permeiam a área das Ciências da Saúde diz respeito à concepção de corpo. O problema das relações entre corpo, mente e ambiente representa um tema controverso na história da humanidade, com diversos enfoques conforme o período histórico, além dos aspectos discursivo-culturais de um mesmo período histórico e/ou grupo social.

Na mitologia grega, várias divindades estão vinculadas à saúde: Apolo, Esculápio, Higéia e Panacéia. Já num período posterior, grego, Hipócrates, Platão e Aristóteles consideravam a unidade indivisível do ser humano. Platão descrevia a alma como preexistente ao corpo e a ele sobrevivente, enquanto Aristóteles postulava que todo o organismo é a síntese de dois princípios: matéria e forma. (CASTRO; ANDRADE; MULLER, 2006).

No período medieval, Santo Agostinho declarava que o homem era constituído por substâncias racionais, resultantes de alma e corpo, ambos criados por Deus. Santo Tomás de Aquino, um dos representantes desse período, escreveu sobre a unidade do composto humano.

Bunge (1980), ao discutir a questão da relação mente-corpo, revela que, predominantemente, tal relação foi e tem sido concebida de forma dicotômica. Particularmente, trata da dicotomia considerando a perspectiva cartesiana, a qual teria marcado profundamente o pensamento ocidental, contribuindo para embasar várias concepções e saberes científicos contemporâneos. Descartes (1649 apud BUNGE, 1980) expõe uma visão original do dualismo interacionista: ao mesmo tempo em que sustenta o dualismo mente-corpo, nega que a alma racional dê vida ao corpo, afirmando que este seria uma máquina. Corpo e alma seriam substâncias diferentes, uma extensa, outra pensante.

Há, no entanto, na ciência e filosofia, uma histórica reação a essas proposições dicotômicas. Na concepção de Merleau-Ponty ([19__] apud NÓBREGA, 2000), o corpo é visto como ativo, deixando de ser encarado como receptáculo passivo das forças externas e de determinações do meio, exercendo apelo sensível, comunicando-se com o mundo e fazendo com que ele se torne presente, como o



local familiar da vida do homem. Merleau-Ponty [19__] vai à raiz da subjetividade com sua concepção do corpo-sujeito, corpo este que estabelece com o mundo uma reação pré-objetiva, pré-consciente, de caráter dialético. Para o autor, o sujeito é seu corpo, seu mundo e sua situação. O corpo é a expressão e realização da existência, e por isso, não se deve reduzir um ao outro, já que um pressupõe o outro. O corpo é um conjunto de significações vividas e a produção de novas significações se dá no corpo enquanto situado em um mundo.

Ainda no campo histórico-filosófico, a obra de Foucault (1979, apud SILVEIRA, 2005) destaca a relevância do corpo e da alma como sustentáculos das forças de poder e de saber, que se articulam estrategicamente na história da sociedade ocidental. Na genealogia foucaultiana, em vez da preocupação com as forças próprias do corpo, há a indagação acerca das práticas discursivas e não-discursivas que se investem sobre os corpos, em interesse pelas condições concretas que os constituem. Foucault destaca a importância do corpo como realidade biopolítico-histórica, sendo a sensorialidade corpórea constantemente construída e reconstruída a partir das alterações políticas de cada momento, fazendo deste corpo um palco no qual os saberes e poderes se articulam, produzindo a individualidade. A sensorialidade corpórea não está imersa apenas em fatores biológicos; está interpenetrada de história.

De acordo com Nóbrega (2000), Descartes e Merleau-Ponty apresentam duas concepções diferentes de corpo. Descartes refere-se ao sentido antropológico e epistemológico que adquiriu o dualismo corpo-mente; enquanto Merleau-Ponty critica o dualismo e integra o corpo na perspectiva de totalidade do ser humano, na qual o corpo não é a junção de uma parte com a outra, nem uma máquina automática de causa e efeito comandada pelo espírito, ou mesmo um psiquismo unido a um organismo, isolado do resto do mundo.

Pensar o corpo é uma tarefa um tanto complexa, dadas as diversas dimensões que podem ser exploradas. Além de ser o arcabouço físico do ser humano e marcar sua existência material, o corpo compreende as formas de se relacionar, de interagir, de refletir sobre e com o mundo (FERREIRA, 1999). Trata-se de uma construção, obviamente concreta, mas moldável, conforme os valores e a cultura provenientes da sociedade em que está inserido.

Somente com os avanços paradigmáticos da Filosofia e da Ciência começou-se a releitura do corpo como algo mais do que razão e algo mais que produto, especialmente com as correntes de pensamento fenomenológica e existencialista, em busca de transformar o corpo em corporeidade, numa unidade expressiva da sua existência.

Inserida num pensamento complexo e dialético, a corporeidade supera a dicotomia no ser humano, sendo o corpo e a alma/espírito/essência indissociáveis, em que o corpo passa a ser o “modo de ser no mundo”. Como consequência, esboça-se o desenvolvimento de um fundamento científico mais abrangente e complexo, a partir da proposta fenomenológica existencial em filosofia.

Segundo Cabral (1995, p.27), concordamos que

a separação entre corpo e alma impede a alma da atuação em qualquer manifestação de vida neste mundo material. A alma é concebida como algo fora da matéria, e assim sendo, nada mais é do que espectadora daquilo que o corpo vive, sente e faz.(...) O corpo passa a ser sentido como um objeto entre tantos outros. Essa quebra da unidade interior resulta na busca de uma alma imaginária, pensada e aparente, levando o homem a ignorar a existência do que é real, o seu próprio corpo.



Buscando clarificar e enfatizar a busca pela não redução de corpo a partículas de matéria, o conhecimento da corporeidade visa a superar a tradição de explicar o homem como um ser mutilado, reduzido e unidimensional, abrindo novas perspectivas e avanços em forma de rede na ciência da saúde, por exemplo.

A noção de corporeidade nos obriga ao estudo do corpo sujeito, existencial, indivisível, que se movimenta para garantir a vida, entendida esta tanto no sentido individual quanto coletivo.

O sentido da corporeidade deve nos mostrar que o corpo sujeito é ator e autor de sua história e de sua cultura. É um sujeito relacional, daí a necessidade da consciência de si, dos outros e das coisas ou do mundo.

Prováveis discrepâncias vinculadas ao entendimento do que signifique corpo para aqueles que atuam na/com a Saúde provêm, principalmente, da premissa de que tal fato seja resultante de distintos momentos socioeconômicos e políticos.

Oliveira e Vaz (2004) consideram importante que teoria e história se unam, para possibilitar o exercício permanente da crítica. Sendo assim, parece ser fundamental questionar e repensar criticamente as concepções de corpo presentes na área.

Percebemos que, muitas vezes, os cursos de graduação da área da Saúde não proporcionam aos discentes a reflexão acerca do corpo e da prática profissional, nem mesmo nas disciplinas introdutórias dos cursos.

Desse modo, esta pesquisa tem por objetivos conhecer, analisar e comparar a visão de corpo dos graduandos dos cursos da área de saúde e investigar de que forma esses relacionam o corpo à prática profissional.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação está fundamentada em algumas características da pesquisa qualitativa, como buscar a compreensão de uma realidade específica e possuir um caráter interpretativo, sem, contudo, ter a pretensão de ser considerada exclusiva ou classicamente como tal. (THOMAS; NELSON, 2007).

2.1 Amostra

Participaram do estudo 25 graduandos, de ambos os sexos, que cursavam o final do primeiro período da graduação dos seguintes cursos: Educação Física (n=5), Fisioterapia (n=5), Medicina (n=5), Nutrição (n=5) e Terapia Ocupacional (n=5), que leram e assinaram o Termo de Esclarecimento e Consentimento para participarem da pesquisa.

2.2 Procedimentos da pesquisa

Como instrumento de pesquisa foi utilizada uma entrevista semiestruturada, para privilegiar informações espontâneas, bem como, posteriormente, o caráter interpretativo da análise.

Como técnicas da pesquisa qualitativa, podemos encontrar o questionário fechado, a escala de opinião, a entrevista estruturada, a observação dirigida, os formulários e as fichas. Mas, segundo Triviños (1987, p. 138), “talvez sejam a *entrevista semiestruturada*, a *entrevista aberta ou livre*, o *questionário aberto*, a *observação livre*, o *método clínico* e o *método de análise de conteúdo* os instrumentos mais decisivos para estudar os processos e produtos nos quais está



interessado o investigador qualitativo” (grifo do autor). Assim, o presente estudo versou na pesquisa qualitativa, de caráter exploratório.

Os sujeitos responderam às seguintes perguntas: (1) Para você o que é corpo?, (2) Qual a sua visão de corpo e sua futura atuação profissional?

2.3 Tratamento dos dados

As informações obtidas nas entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas através do método do “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC) de Lefèvre e Lefèvre (2007), que permite uma abordagem qualitativa acerca do discurso dos alunos. Conforme Lefèvre e Lefèvre (2007), o pensamento é algo essencialmente discursivo e só pode ser obtido numa escala coletiva a partir de perguntas abertas elaboradas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativos dessa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, ou seja, que produzam discursos. Neste sentido, a questão fechada seria insuficiente diante dessa perspectiva, pois não ensejaria a expressão de um pensamento, mas a expressão de uma adesão (forçada) a um pensamento preexistente.

A metodologia do DSC utilizada é, portanto, uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal e, no presente estudo, obtidos de depoimentos dos alunos. Para confeccionar os DSCs, Lefèvre e Lefèvre (2007) criaram as seguintes figuras metodológicas: Expressões-chave (ECH): pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, demarcadas pelo pesquisador (sublinhadas, iluminadas, coloridas) e que revelam a essência do depoimento ou, de forma mais precisa, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento e que, em geral, correspondem às questões da pesquisa.

Desta maneira as ECH são a matéria-prima do DSC. Ideias centrais (IC): é um nome ou expressão linguística que revela e descreve, de forma sintética, precisa e fidedigna, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar origem, posteriormente, ao DSC. A IC não é uma interpretação, mas uma descrição do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos. Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): é um discurso síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC.

3 RESULTADOS

Foram analisadas as duas questões que subsidiam a discussão do que seria o corpo e como este se relacionaria à prática profissional, a partir da visão de alunos de cursos da área da saúde.

Evidencia-se, a partir dos dados, que houve uma incidência predominante da concepção de corpo relacionado à sua estrutura física, a partir da atribuição dos seguintes significados ao corpo: “objeto que me capacita a realizar atividades”, “conjunto de células, órgãos e ossos”, “uma máquina que quando sofre alteração no sistema perde sua função”, “um instrumento para se movimentar e que precisa ser bem cuidado”, ou seja, o corpo foi entendido como matéria, estrutura, veículo ou máquina. Tais achados deram margem a denominar essa categoria de corpo-objeto, com base em Nóbrega (2000), citando o pensamento de Descartes (1649), para quem o corpo funciona como um autômato, as funções seguem a disposição dos seus órgãos, sem nenhum aspecto ligado à alma; que está ligada ao pensamento e não ao funcionamento do corpo.



Poucos foram os entrevistados que sugeriram alguma aproximação com o corpo-sujeito, sugerido por Merleau-Ponty, citado por Nóbrega (2000), segundo a qual o corpo é dotado de intencionalidade, não há separação entre significação intelectual, simbólica e cinética, ou seja, o homem é e existe pelo seu corpo. As declarações que se aproximam deste significado de corpo foram: “conjunto do que somos por fora e por dentro”, “conjunto de estruturas: movimento, pensar, falar e agir”, e “aliar corpo e alma”.

Diante dos resultados, parece ter havido uma significativa modificação no modo como os graduandos concebem o corpo: de uma matriz eminentemente técnica e/ou biológica, que significaria trabalhar uma noção de corpo, até certo ponto fragmentada, para uma que o considera um processo histórico-cultural, conforme as aspirações de Daolio (1995) e Soares (2003).

Cabe apontar que a grade curricular dos cursos analisados contém um elevado número de disciplinas das ciências biológicas, nos seus primeiros semestres, com seus respectivos aprofundamentos (Anatomia, Fisiologia Humana, Fisiologia do Exercício, Bioquímica do Exercício, Cinesiologia, Biomecânica etc.), fato esse que contribui para que o discurso fragmentado da ciência médica seja acentuado, dificultando o alcance de uma visão mais integrada de corpo. (SILVA et al., 2009).

Em relação ao que entendem por corpo, observou-se que 18 alunos conceituam-no aproximando do entendimento de corpo-objeto, sendo 5, ou seja, todos da Terapia Ocupacional; 4 na Fisioterapia e nos cursos de Educação Física; Medicina e Nutrição, 3 alunos em cada. Predominando, portanto, uma visão de corpo fragmentado, tradicional do discurso de caráter biológico, sem contemplar o viés da corporeidade.

Esta visão de corpo implica diretamente nas metodologias de trabalho que serão adotados por esses profissionais. A exemplo disso, os profissionais da Educação Física: o ato de correr, dançar, jogar não são ações puramente anatômicas e mecânicas, pois o corpo não é uma máquina. O ser que age nas diferentes modalidades, vivencia o mundo que, por sua vez, codificou essa corrida, essa dança e esse jogo, ou seja, os movimentos “não contribuem para a reflexão sobre os signos sociais inscritos no corpo, para a identificação dos valores da cultura dominante e para a possibilidade de sua superação”. (NÓBREGA, 2000, p. 71).

Podemos, por exemplo, trabalhar o lance livre, na modalidade Basquetebol, à luz de um pensamento clássico, e nosso atleta repetiria o movimento centenas de vezes durante o treinamento, ficando na posição por alguns minutos realizando a ação. Pois bem, quando pensamos na totalidade humana e nos acasos que as situações de jogo trazem, esse treino mudaria de foco. O treinador, por exemplo, permitiria o seu arremesso sobre pressão e olhares dos outros atletas, o que intimidaria o jogador, chegando mais perto da situação de jogo, já que o arremesso de lance livre concentra os olhares de todos da quadra – atletas, comissão técnica e torcida – para o jogador.

A aprendizagem mecânica de movimentos relacionados às atividades físicas, dentre elas a ginástica, descontextualizada de uma experiência através das percepções e incorporação de gestos não enriquece a corporeidade do vivente, já que “aprendemos um movimento ou adquirimos um hábito motor quando o corpo o incorporou a seu ‘mundo’, e realizar um movimento corporal é visar às coisas do mundo por meio do corpo, sem o intermédio de nenhuma representação”. (GONÇALVES, 1994, p. 67).

Na questão relacionada à visão do corpo e sua futura atuação profissional encontrou-se as seguintes afirmações: “cuidar da beleza física e bem estar”, “o



corpo estando bem, a pessoa fica bem”, “*entender o funcionamento*”, “*conhecer o que é, de que é formado e como funciona*”. Neste questionamento, encontramos uma aproximação, ainda pequena, mas presente, da visão do corpo-sujeito, principalmente entre os alunos da Terapia Ocupacional.

Mas, ainda assim, a visão do corpo-máquina ainda foi preponderante nos demais cursos, Fisioterapia, Medicina e Nutrição, 4 alunos em cada e na Educação Física, 3 alunos.

Sabemos que, influenciado pelas ideias newtoniana-cartesiana, tratar o humano como sinônimo de máquina, leva-nos a procedimentos de trabalho que garantem resultados, economia e padrões, ou mesmo, aspectos morais – como, por exemplo, manutenção da ordem nos espaços escolares, exaurindo os corpos através de atividades fatigantes, disciplinando-os para a memorização de conteúdos escolares. Porém,

pensar o corpo apenas como máquina - ou, no limite, sua substituição por “máquinas inteligentes”- é o mesmo que ver sem perceber. A máquina funciona, o homem vive, isto é, estrutura seu mundo, seus valores e seu corpo. O que acontece quando se pensa que as máquinas são equivalentes a seres vivos? Um pensamento artificialista (...) é levado até um ponto em que o próprio pensamento desaparece. (NOVAES, 2003, p. 10.)

É preciso identificar, refletir e divulgar estudos na área da saúde que tratam o corpo como realmente humano, pautados, sobretudo na identificação e superação de antigos paradigmas impostos na ciência, na saúde e, então, na atuação profissional.

Deve-se perceber o corpo em sua totalidade, exigindo das diversas áreas do conhecimento uma intervenção que abarque suas necessidades biológicas, sociais, históricas, políticas e culturais, com profissionais comprometidos a exercer essa descoberta de um corpo que fala, pensa, vive e sente.

4 CONCLUSÃO

Pode-se verificar, através da aplicação do procedimento qualitativo junto aos sujeitos, seguindo o percurso do discurso individual para a determinação do coletivo, categorias importantes que possibilitaram o entendimento de como os acadêmicos percebem o corpo.

Neste estudo, foram identificadas poucas diferenças entre estudantes dos cursos analisados, em relação ao conceito de corpo. Houve uma predominância de uma visão do corpo fragmentado, do corpo-objeto, no qual não há nenhuma intencionalidade; a razão predomina sobre o sensível, inclusive quando foi questionado o corpo enquanto futuro instrumento de trabalho, negando-se o corpo-sujeito e colocando-o como máquina ou objeto.

Conclui-se que os acadêmicos dos cursos pesquisados apresentaram uma visão de corpo ainda marcada por uma tendência biológica, como não poderia deixar de ser, dada a construção da grade curricular desses cursos, que dão prioridade nos primeiros anos às disciplinas de caráter biológico, já que as mesmas são consideradas básicas na formação desses futuros profissionais.

Faz-se necessário, portanto, que no decorrer da graduação, haja a ampliação do conhecimento acerca do corpo devido, às exigências da profissão, seja de cuidar do corpo do outro, ensinar o corpo ou reestabelecer o corpo, como argumentam e



defendem Carbinatto e Moreira (2006): que as disciplinas “religuem” os conhecimentos e a relação entre corpo e saúde se torne mais complexa.

Dessa forma, seria interessante investigar a visão que esses mesmos alunos terão no último período, quando estiverem quase saindo para o mercado de trabalho, para que consigam trabalhar o homem em sua plenitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUNGE, M. **The mind-body problem**. Ontario: Pergamon Press, 1980.

CARBINATTO, M. V.; MOREIRA, W. W. Corpo e Saúde: a religação dos saberes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n.3, p. 185-200, 2006.

CABRAL, J. T. **A sexualidade no mundo ocidental**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CASTRO, M. G.; ANDRADE, T. M. R.; MULLER, M. C. Conceito mente e corpo através da história. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 39-43, jan./abr. 2006.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2001.

CHALMERS, A. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir: Corporeidade e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

LEFRÉVE, F.; LEFRÉVE, A. M. C. The Collective Subject that speaks. **Interface**, v.3, 2007.

MORIN, E. **Para sair do século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. Natal: EDUFRN, 2000.

NOVAES, A. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.



OLIVEIRA, M. A. T.; VAZ, A. F. Educação do corpo: teoria e história. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, v.22, número especial, p.13-19, jul./dez. 2004.

SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A.; SILVA, F. A. G.; OLIVEIRA, A. P. A visão de corpo na perspectiva de graduandos em Educação Física: fragmentada ou integrada? **Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.3, p.109-126, jul./set. 2009.

SILVEIRA, F. A. **Corpos sonhados-vividos**: a questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

SOARES, C. L. Apresentação. **Pro-posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p.15-19, mai./ago, 2003.

THOMAS, J. R.; NELSON, N. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.